



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por
FELIZ COSTA VENTURA

— O LA, amigo Rouxinol, como tem passado?
— Mal, mal, mal, caro amigo Pardal! A maldita gôta não me deixa!

Ainda ontem fui consultar o grande especialista Dr. Burro, para ver o que ele me dizia.

— Isso é mau! — respondeu o Pardal. Pois, meu amigo, vinha convidá-lo para assistir a um *pic-nic* que vou dar na minha quinta do Telhal. Já estão convidados o Dr. Burro, esposa e filhas, o grande advogado Dr. Tentilhão, etc... Fico, pois, duplamente desgostoso ouvindo o que me diz.

— Talvez vá, contudo. Quando é? — perguntou o Rouxinol.

— Domingo. Bem, meu amigo, tenho ainda vários convites a fazer. Até logo. Não falte...

E o Pardal saiu do jardim do Rouxinol, enquanto este continuava a passear arrumado à sua bengala, pensando no famoso *pic-nic*.

Domingo!... O dia nasceu esplêndido. O sol, querendo associar-se à festa, logo de manhã, começou a dardejear os seus raios dourados. Por toda a parte alegria! No palacete do Rouxinol (ao qual tinha já quasi desaparecido a gôta) ia uma azáfama enorme. Daí a pouco saíu do largo portão da quinta, uma *charrette* puxada a duas parelhas de gafanhotos. O Rouxinol, todo orgulhoso, com o seu melhor fato, fazia um vistão. As meninas tinham caprichado em apresentar ricos vestidos.

Na quinta do Telhal, já se aglomeravam todos os convidados, quando o Rouxinol e família chegaram. O *pic-nic* começou no meio da maior alegria. Entretanto, deu-se começo ao baile, onde um *jazz-band* de rôlas, fazia ouvir melodias maravilhosas. O baile decorria, assim, deveras animado...

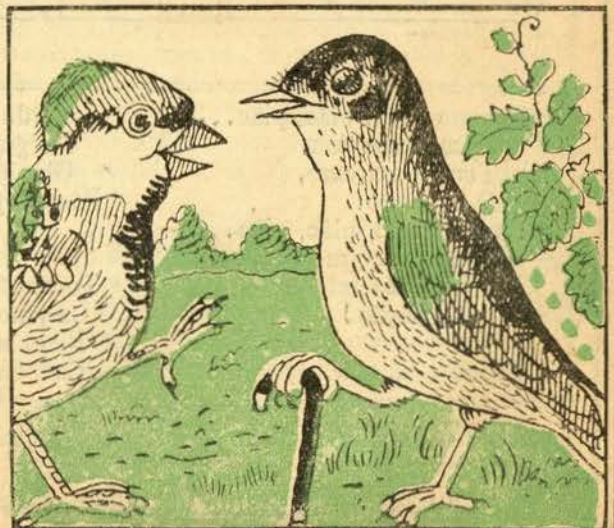
De repente, um criado anunciou: — Sua Excelência o Rouxinol vai distraír a assistência com umas canções apropriadas a esta festa.

Fez-se um grande silêncio e o Rouxinol começou:

Gentis senhoras e senhores. Atendendo a inúmeros pedidos, vou cantar algumas canções! Sim, vou cantar num lugar público, pois a minha esplêndida voz é já tradicional! E o Rouxinol começou cantando uma canção tão linda, tão linda, que as próprias rôlas, muito barulhentas, se quedaram extáticas! Uma estrondosa salva de palmas reboou entre a vasta assistência. O *jazz-band* das rôlas atacou com grande brilho, o hino do «Arrebenta o Feixe», em homenagem ao grande cantor. Nisto, súbitamente, no meio da selecta assistência, levantou-se o Dr. Pardal, dizendo num sorriso irónico:

— Grande maçador! E ainda V. Ex.^{as} aplaudem isto! Eu sou capaz de cantar melhor! Um

(Continua na página 3)



O BATALHÃO

VERSOS DO PROFESSOR CARMO REIS

MUSICA DE HERMINIO DO NASCIMENTO

Rantam plão, plão, plão. to-ca a mar-char, to ca a mar-char

o ba-ta-lhão Rantam plão, plão, plão, da ca-po-el-ra,

sai toda in-tei-ra a cre-a-ção. Á frente o ga-lo

le-vanta o pó — cri-sta ver-me-lha — có có ró có.

1 2 1 2 3 5

Rantam plão, plão, plão...
Toca a marchar,
Toca a marchar,
O batalhão:
Rantam plão, plão, plão...
Da capoeira
Sai toda inteira
A criação!

Segue o tenente,

Gordo peru
De grandes pernas,
Glu, glu, glu, glu.
Rantam plão, plão, plão...
etc.

Tocam tambores,
Os patos já
Bicos no ar,
Cuá, cuá, cuá, cuá

Rantam plão, plão, plão...
etc.

Uma galinha
Leva a bandeira.
E emfim os pintos
Vão em fileira.
Rantam plão, plão, plão...
etc.

Nota da redacção: — Esta canção escolar será transmitida, hoje, às 14 horas através do posto da Emissora Nacional, pela secção cultural infantil, da mesma. Pequeninos rádio-ouvintes, **Atenção!**

URSA A BAILARINA

Por ARGENTINITA

A O som dum pandeiro vibrante,
A pobre ursinha ambulante,
Baila, baila, todo o dia,
Baila, baila e rodopia...

Andando, de feira em feira,
Numa constante canseira,
Com o dono, um bom velhinho
Que lhe ordena com carinho,

Entre alegre piroeta,
Agitando a pandeireta:
— «Atenção!... Olé!... Olé!...»
«Baila, lá, ursa «Dé-dé...»

«Vamos, baila, ursinha qu'rida,
«Para ganharmos a vida!»
E a ursinha, obediente,
Baila sempre, alegremente!

Aos pulinhos com tal graça,
Que até faz sorrir quem passa,
Alegria desenvolta,
Formando um círculo em volta.

Pequenos espectadores,
Dando ao local vivas cores,
Seguem, atentos, na pista,
Os movimentos da artista!...



Ao acabar o bailado,
Todo aquele bando alado,
Bate palmas, fortemente,
Pedindo, muito contente,

Entre as francas gargalhadas
Das boquitas tão rosadas:
— «Outra vez, mais outra, bis!»
Emquanto um pobre petiz,

Em farrapos, descalcinho,
De olhos azúis, tão lourinho,
Tendo na magra mãozinha,
A pequena bandejinha...

Que, com toda a timidéz,
Um a um por sua vez...
Vai pedindo, coitadinho,
Num sorriso, um tostãozinho!...

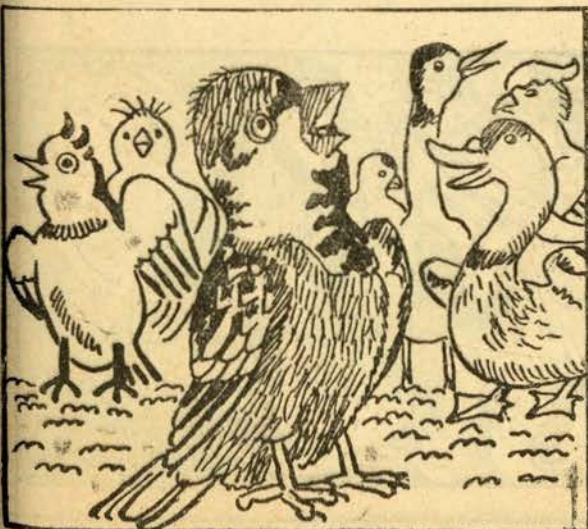
Tinlizando, — que som lindo! —
O dinheiro vai caíndo
Na bandeja do petiz
Que ri, contente, feliz!...

Nisto, a um sinal do velhinho,
Recomeça o seu bailinho
A bailarina vistosa,
Que, em mesura graciosa,

(Continúa na página 6)

O PARDAL CASTIGADO (Continuado da Página 1)

murmúrio de protestos partiu dos convidados. O Tentilhão, todo exaltado, levanta-se e exclama para o Dr. Pardal:



— Se V. Ex.^a está convencido de que canta melhor, tem, agora, ocasião de nos provar a sua excelente voz.

— Pois seja, aceito! E o Pardal começou piando tão desastradamente que a maior parte dos convidados teve de tapar os ouvidos. Uma pateada geral corou o trabalho do grande cantor. O Rouxinol foi muito abraçado. E o pic-nic acabou na maior alegria para todos, excepto para o Pardal que, metido dentro de casa, ruminava o insucesso obtido.

Vêem, meus meninos: — O Pardal fizera-se muito amigo do Rouxinol, apenas para, depois, o poder meter a ridículo, sendo ele, afinal, o castigado pela sua excessiva vaidade. Caros leitorzinhos, não vos deveis fiar em certas amizades. Lembrai-vos, sempre, deste episódio que vos contei.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

UMA IDÉA LUMINOSA

POR ANAO SABICHAO

DESENHOS DE A. CASTAÑE



COMO já disse, várias vezes, aos meus meninos, tratei sempre com todos os bichinhos da floresta, como se fossem meus verdadeiros irmãos.

Se tinha uma predilecção pelos passarinhos, que me encantavam com os seus cantos, também me divertia, a

valer, com as lebres, os coelhos, veados e côrças.

Enfim, toda a bicharada era a minha constante distracção e alegria!

Calculem, pois, com que terrôr eu via aproximar-se, todos os anos, aquela época terrível da caça que me levava muitos dos meus amiguinhos, vítimas das temíveis espingardas dos caçadores.

— «Pam! Pam! Pam!...» — faziam elas, espalhando pela floresta o cheiro da pólvora, enquanto os cães, focinhando, até à cova mais profunda, não deixavam escapar nenhuma presa!

Ora um dia, ao passar na vila próxima, à porta da Câmara, vi um escrito pendurado, anunciando a abertura da caça para o domingo seguinte.

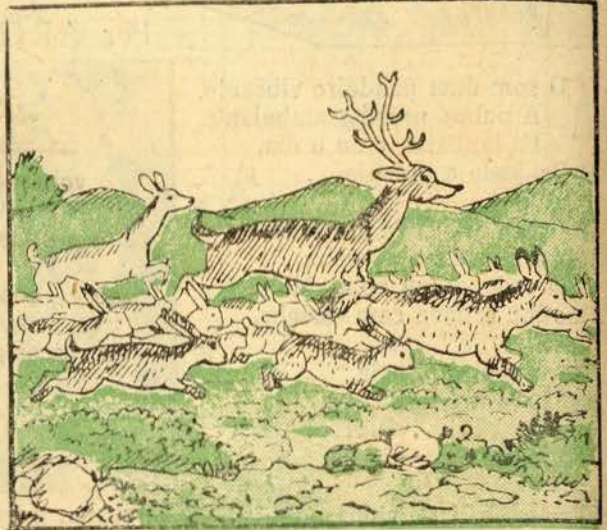
Ainda acrescentava:

— A caça é proibida perto das casas de habitação, quere dizer, nas cidades, vilas e aldeias.

Tive, então, uma idéa luminosa!

Vaidez áparte, como são sempre as minhas idéas!

Assim que tal cousa me atravessou a cachimónia, corri para a floresta.



La louco de alegria! Dei um pinote, encarpitei-me no ramo mais alto duma árvore e assobiei, dando sinal aos animais, para se reunirem e ouvirem o meu discurso.

Numa grande algazarra, todos acorreram. Ao saberem que se tratava da abertura da caça vociferaram, cheios de indignação e cólera!

As pernas finas dos veados e gansos tremiam, os passarinhos escondiam as cabecitas debaixo das asas e até uma lebre, aterrorizada, desmaiou! Foi difícil restabelecer o silêncio.

Quando o conseguí, falei-lhes assim:

— Animai-vos, meus amigos! Arranjei maneira de vos salvar. Os caçadores que podem dar cabo de vocês, aqui na floresta, não têm direito de o fazer se estiverem numa vila.

Resolvi, portanto, que, no domingo, antes da luz da madrugada aclarar o céu, já vocês hão-de estar sobre os telhados e sobre as árvores da vila.





Ali passarão todo o dia e só à noite voltarão para a floresta.

Mas a minha proposta não teve o êxito entusiástico que eu esperava!

— E nós? — perguntaram as lebres, coelhos e veados, muito desapontados. Nós que não podemos subir para essas alturas? Na rua os garotos matam-nos à pedrada!

Tinham razão os pobres bichos!

Mas, como sabem, sou um Anão cheio de expediente; nada me ataranta!

Lembrei-me, logo, do jardim do senhor Cura, onde vira, tanta vez, o bom velhote conversar com o cão, o gato, mais as galinhas e coelhos, como se fôssem fiéis devotos que o rodeiassem!

Nunca um Cura, com tão bom coração, teria coragem de matar nenhum bichano!

Ficou, portanto, decidido, depois de várias discussões, que toda a bicharada se refugiaria na vila, ao abrigo das balas.

Eu, sempre de olho alerta, assisti aos preparativos e projectos dos caçadores que, na véspera do grande dia, se deitaram muito cedo.

A meio da noite, a bicharada, a meu mando, apresentou-se para a partida

Determinei que, à frente, voaria uma data de pirilampos, para os guiar com as suas luzinhas.

Correndo, saltando, voando, num rufo, chegaram à vila. Os telhados ficaram completamente cobertos de áves de todos os tamanhos e feitios.



No jardim e na quinta do Cura, os bichos sem asas acamparam, escondidos na folhagem ou em covas que abriram no chão.

Dali, ouviram os caçadores partir, de madrugada, acompanhados pelos cães que ladravam como doidos, farejando caça, à sua volta.

Nessa ocasião, estava eu na floresta, muito escondidinho... Não fôssem os marotos tomar-me por algum estranho passarôlo!...

Como gosei a sua decepção!

Por mais que os cães, de nariz no ar, fungassem, para um e outro lado e os donos esperassem, impacientes, qualquer sinal de caça, a floresta conservava-se silenciosa, sem rumores no mato, nem na folhagem das árvores!

Assim se passaram horas, numa expectativa enervante!...

Não havia dúvida que o caso era incompreensível!...

A floresta, sempre silenciosa, guardava o seu segredo!...

Na vila, o que sucedia, era bem diferente!...

Telhados, campanários e torre da igreja estavam negros de passarada!

Os ramos das árvores pendiam com o peso de lindíssimos faisões e outras aves raríssimas.

A criada do Cura, ao ir de manhãzinha, soltar a criação, por um pouco não gritou por socorro!

Não via, à sua volta, senão coelhos e lebres!...

Num pasmo, o senhor Cura, também, esboga-lhava os olhos!

O caso tinha o seu quê de fantástico, de milagroso até!...

Porque haviam os animaisinhos de ter escolhido a igreja e o seu jardim de preferência a outros sítios?

E todo o dia os tratou com mil cuidados, cheio de ternura e bondade.

No seu *tlão tlão*, compassado, o relógio da torre bateu as doze badaladas do meio dia.

Com um ar muito murcho, começaram a chegar vários caçadores.

Tristemente, contavam o estranho sucedido!...

Mas, à entrada da vila, estacavam assombrados, julgando sonhar!...

A URSA BAILARINA

(Continuado da página 3)

Agradece, airosamente,
A paga da boa gente...
E, então, dá por terminado
O seu tão lindo bailado...

Para, daí a um instante,
Recomeçar, mais adiante!...
E a ursinha, sem cessar,
Leva a vidinha a dansar.



Telhados e árvores estavam apinhados de toda a qualidade de boa caça!

Precipitadamente, uns após outros, assestaram as espingardas, mas o guarda acudiu logo, fazendo cumprir a lei.

As perdizes riem, os melros assobiam, os faisões arrastam a asa, num estardalhaço trocista, muito divertidos com as caras aparvalhadas dos amigos caçadores.

E todas as vezes que mais algum surge, a mesma comédia se passa!

Assim tudo continúa, até à noite.

Fui, então, de mansinho, abrir a porta do jardim do Cura.

Num *frum-frum* de asas e pernas, a dar, a dar, a galopar e a voar, tudo voltou para a floresta.

Nos dias seguintes as cousas continuaram da mesma forma.

Finalmente, certa manhã, não apareceu mais na vila nenhum pássaro, nem outro qualquer bicharoco.

A licença da caça acabara.

Para festejar tal acontecimento, a passarinhada e a bicharada cantou e piou, numa grande alegria:

— Com esta invenção
do amigo Anão,
escapámos à morte!
— isto é que foi sorte! —
Por isso lhe queremos,
pois lhe devemos
muita gratidão!
Viva o bom Anão!

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

COLABORAÇÃO I

N
F
A
N
T
I
L

O NOSSO CONCURSO:

AUTO-EMBLEMAS

Havendo excedido, de maneira quasi assombrosa, a nossa expectativa, relativamente a este concurso, só no próximo número poderemos dar o seu resultado, revelando os nomes do premiado e dos cinco classificados que tem direito à reprodução, no nosso suplemento, dos respectivos retratos.

No próximo número publicaremos, também, os melhores *auto-emblemas*, recebidos até à data *términus* do sensacional concurso.



Desenhos do menino José Garcia de 10 anos de idade

O LINDO LIVRO PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século acaba de pôr á venda e de que são autores **Graciette Branco** e **Augusto de Santa Rita**, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

CHARADAS EM FRASE

Se este carro *abalrôa* contra este homem a culpa é minha e não me queixo pelo *desastre*. 4-2.

O *arço* nesta *terra portuguesa* é dado logo de manhã em *pantufas*. 1-2.

Defende de toda a *poeira* esta *veste exterior*. 3-1.

Neste *oceano* ao de cima da água organizei uma *grande corrida*. 1-1-2:

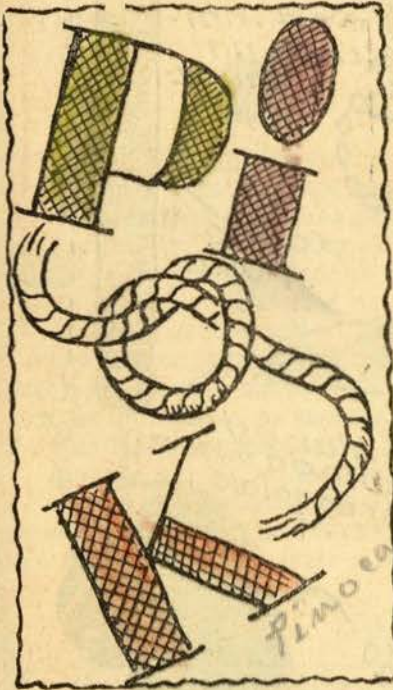
Esta *formosa* mulher possuidora de um *título* só usa desta *pomada*. 2-2.

Solução dos anteriores: — 1 — Caneta. 2 — Missiva. 3 — Marcela. 4 — Casino.

PARA OS MENINOS COLORIREM



ENIGMA



A solução no próximo número

CHARADAS COMBINADAS

- + la — Fila
- + ma — Lôdo
- + sa — Móvel
- + do — Tento
- + da — Polícia
- + do — Tento

- + co — Bocado
- + mo — Fruto

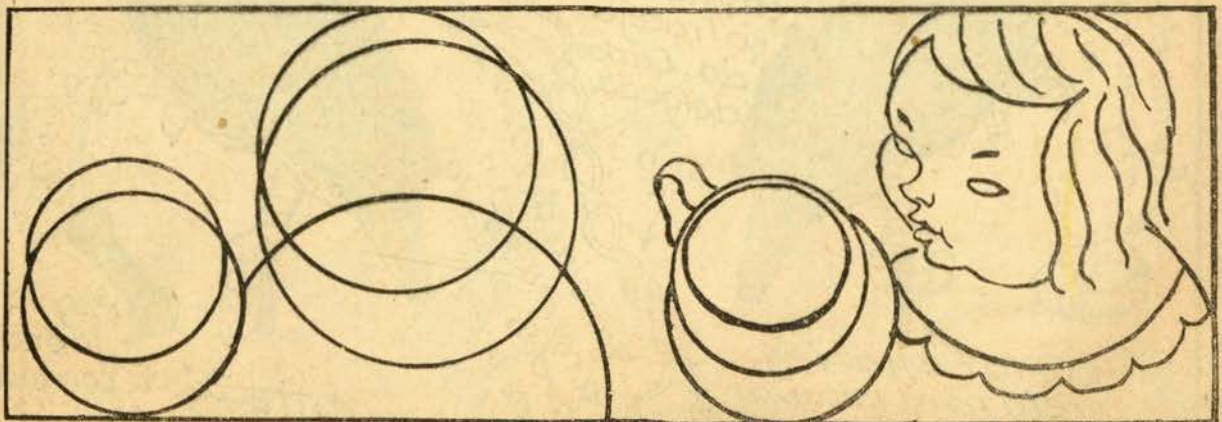
- + to — jôgo
- + co — Pau de bilhar
- + co — Opulento
- + ma — Aia

Conceito: — Rua. *Conceito*: — Pano de mesa. *Conceito*: — Jogo

Solução das anteriores: — Ema, Amalia, Marta, Corina, Adeli-
na, Helena, Etel, Cremilda, Etelvina, Ana e Adélia.
Ciro, Almeirim e Chamusca.

Solução do enigma pitoresco: — Onde fogo não há, fumo não se levanta.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um menino chinês a tomar chá.

O Piriquito construção para armar

Complemento do número anterior

